

Irmandade da Boa Morte: Mulher negra, memória e identidade no contexto econômico da sociedade cachoeirana.

Fábio Luis Santos Oliveira*
Orley Germano da Silva*

Resumo

O objetivo deste artigo é discorrer sobre a Irmandade da Boa Morte, trazendo como foco a situação da identidade e a memória da mulher negra dentro do contexto socioeconômico da sociedade cachoeirana. Fazendo assim um breve histórico econômico da cidade de Cachoeira, explicitando sua importância para política e economia da Bahia, principalmente durante o século XIX, evidenciando assim a condição da mulher negra na atual conjuntura econômica.

Palavras-Chave

Irmandade da Boa Morte, Identidade, Mulher Negra, Economia de Cachoeira.

Abstract

The aim of this paper is to discuss the Sisterhood of Good Death, bringing focus on the situation of identity and memory of black women within the socioeconomic context of society cachoeirana. By doing so a brief economic history of the town of Cachoeira, highlighting its importance to politics and economy of Bahia, especially during the nineteenth century, thus underlining the condition of black women in the current economic climate.

Keywords

1 Graduando em História pela Universidade do Estado da Bahia; agências financiadoras: Universidade do Estado da Bahia Departamento XVIII e PPG-UNEB;
Email: fabioluissa@hotmail.com.

2 Doutorando em Ciências Sociais Aplicadas (UNIFACS), Mestre em Ciências Sociais Aplicadas (UNIFACS), Especialista Em Antropologia Cultural (UESB), Especialista em Metodologia do Ensino Superior (FIJ), Especialista em História (AESAs), Graduado em História (AESAs), Professor do Curso de História da UNEB, Professor do Curso de História da FACSAs, Professor do Curso de Economia e Administração da FIEF.

Sisterhood of Good Death, Identity, Black Women, Economics Waterfall.

Introdução

As religiões historicamente sempre se mostraram como fenômenos de grande importância nas relações sociais das várias culturas. No Brasil estas manifestações religiosas não se apresentaram de forma diferente, elas sempre estiveram presente na vida social, política e econômica brasileira, dentro desta perspectiva, é possível destacar a importância que o catolicismo teve nas sociedades em que ele esteve presente, desde o seu surgimento como religião oficial do Império Romano, por volta do século IV até os dias atuais.

No Brasil ou mais especificamente no Recôncavo da Bahia, uma das regiões brasileiras de maior influência econômica e política durante o Brasil império, o catolicismo mostrou-se como um elo importantíssimo no contexto das relações sociais, políticas, econômicas e por sua vez religiosas. Cachoeira traz, em sua história, momentos de grande representatividade política e econômica no Brasil do século XIX, sendo uma das principais comarcas da província da Bahia e do Brasil Império.

Em março de 1834, a Câmara Municipal de Cachoeira, segunda maior comarca da província (em 1825 contava com 6 mil habitantes em seu núcleo urbano e 60 mil em todo município) escrevia para o presidente da província (...). (REIS, 2003:36 -7),

Sendo assim, a proposta de estudo do fenômeno cultural que é a Irmandade da Boa Morte naquela localidade, tornou-se de grande relevância por toda a trajetória da cidade e pelo próprio significado histórico-cultural que este movimento tem, uma vez que, este surgiu em plena efervescência do escravismo no recôncavo da Bahia.

Cachoeira apresenta desde seus primeiros povoamentos por volta da segunda metade do século XVI uma importância histórico-cultural para a composição do patrimônio material e imaterial da Bahia e também do Brasil. Durante seus anos de prosperidade, Cachoeira alcançou e sustentou sua opulência diante do principal centro político que era a “Cidade da Bahia”, hoje capital do Estado.

Os fatores eco-geográficos, aliados à importância do porto de Cachoeira como zona de escoamento e ligação Salvador/Recôncavo/Sertão/Recôncavo/Salvador propiciaram à Cachoeira o status de uma das vilas mais ricas, prósperas e populosas da Bahia. (CASTRO, 2005:27).

Entretanto, Cachoeira conseguiu manter sua posição de cidade próspera e de privilégios econômicos enquanto o modelo de economia girava sobre a ótica da economia ruralizada onde, sua estrutura estava toda voltada para produção, captação e escoamento das riquezas produzidas nas redondezas, pois era o principal entreposto do Recôncavo Baiano .

A situação favorável de Cachoeira só pôde ser percebida até o fim do século XIX e início do XX. Como fatores responsáveis pelo declínio sócio-econômico de Cachoeira, podem ser arrolados: a perda de competitividade do açúcar brasileiro, com a conseqüente crise da sucicultura, e do fumo com o mercado competitivo e expansivo de seus concorrentes, sobretudo as Antilhas, a desativação da navegação fluvial, a construção das rodovias, a criação e desenvolvimento de cidades-entreposto como Feira de Santana – uma de suas freguesias –, a emancipação política de alguns de seus distritos, entre outros. (CASTRO, 2005:34)

Desta maneira Cachoeira dos dias atuais apresenta uma densidade demográfica relativamente pequena em relação ao seu período áureo, em que o escravismo alimentado com “sangue preto” alavancava a locomotiva do desenvolvimento, onde existiam cerca de cem mil escravos formando quase 40% da população numa densidade total de quase duzentos e cinquenta mil habitantes, completando o mosaico cultural do Recôncavo Baiano e região.

Boa Morte Cachoeirana: Um papel frente às mazelas sociais

A Irmandade da Boa Morte constitui-se como fenômeno cultural de grande importância para o Recôncavo Baiano, por toda a trajetória da cidade de Cachoeira e pelo próprio significado cultural que o movimento representa para a cultura brasileira, uma vez que este brotara durante a ebulição do escravismo no recôncavo da Bahia.

A cidade de Salvador, então conhecida como “Cidade da Bahia” ocupava uma posição de privilégio no que tange sua importância política e econômica frente às demais regiões do Estado, isso em pleno fervor do escravismo. É possível encontrar em obras de autores como João José Reis, dados de um censo feito em 1808, de Salvador e de outras freguesias, entre

elas Cachoeira, umas das mais populosas no que se refere à escravidão, contando com “(...) 156.199 pessoas livres (62,7 %), e 93.115 escravos (37,3%), numa população total de 249.314” (REIS, 2003:22), o que apontava para uma densidade relativamente grande, em detrimento às demais regiões da província da Bahia.

Porém, a conjuntura da Bahia do século XIX se explicitava como um quebra-cabeça social, econômico e cultural, haja vista, que o escravismo que impulsionava o modelo de economia plantation, onde Jacob Gorender nos deixa claro em sua obra: “O escravismo colonial” não escondia as mazelas sociais, o que nos remete rapidamente a uma passagem do livro do autor João José Reis, onde o mesmo expõe um pensamento de Kátia Matoso acerca da condição do escravo e de outros segmentos sociais como os mendigos e os vagabundos.

Assim ela sugere que, ao menos em termos de bem-estar material, os escravos – pelo menos os escravos urbanos – não devem ser considerados o chão social baiano. Em termos materiais, os mendigos e os “vagabundos” teriam sido ainda mais miseráveis do que os próprios escravos. Restaria saber o que seria mais digno, nessa sociedade: passar fome livre ou engordar escravo. (REIS, 2003:28).

Assim presume-se que a situação do escravo além de degradante apenas compunha o quebra-cabeça social baiano, pois, a Bahia deste momento contava com outras mazelas sociais não menos importantes que a situação da massa negra escravizada. Estas refletiam com muita veemência as características e aspectos da sociedade baiana da época.

Desta forma é possível concluir que a situação social do escravo no Recôncavo da Bahia e na Cidade de Salvador neste período, se mostrava complexa, uma vez que sua sobrevivência dependia diretamente do seu trabalho manual com péssimas condições de sobrevivência, mas, contudo sua posição além de subalterna aparecia na “pirâmide” social daquele momento com certa vantagem, embora minúscula, em detrimento de outros segmentos sociais como os já mencionados, ‘mendigos’ e ‘vagabundos’. E desta maneira favoreciam o surgimento de manifestações religiosas de caráter social, como o exemplo das irmandades que “(...) tiveram, desde as suas origens, um sentido social. Foram de expressão inter-étnica, com obrigações de colaboração mútua entre os seus membros”. (COSTA, 2008:19). Além do Recôncavo e região da Cidade da Bahia ser um palco insurrecional e de diferentes expressões sociais de caráter reivindicador, as irmandades negras acabavam por montar um quebra cabeça étnico de diferentes aspirações, ou seja, todas as energias destes povos que sofrera um parto cultural e

nascera prematuro numa nova terra, voltava-se agora para uma investida cultural de caráter reivindicador a nível de afirmação étnica.

A Irmandade da Boa Morte dos dias atuais, como em toda sua historia é composta apenas por mulheres negras. Estas mulheres, durante o período escravocrata sua história confundia-se com os papéis de preocupação social, sendo que muitos destes problemas sociais ainda continuam latentes na Bahia e na própria sociedade cachoeirana. Se durante o passado escravocrata elas serviam como instituições,

(...) assistencialistas aos seus associados e não associados, através da caridade, da representação dos desfavorecidos, do assistencialismo médico, da organização e responsabilidade pelos ritos fúnebres, da encomenda de missas, e, além de tudo isto, ainda organizavam grandes Festas. Todas estas atividades possibilitaram aos membros destas instituições prestígio e reconhecimento social, tendo em vista que a filantropia praticada pelos irmãos e irmãs amenizava alguns problemas da sociedade colonial que a metrópole não resolvia. (CASTRO, 2005:40)

Hoje apesar de toda uma historia construída em torno de uma imagem cuja culminância denota o papel filantrópico que a Irmandade da Boa Morte de Cachoeira teve principalmente durante o contexto da escravidão, as caridades não mais são feitas e a interação com a comunidade se efetiva principalmente durante os dias dos festejos durante o mês de agosto o, que demonstra que apesar do passar dos séculos a Irmandade com toda sua participação no tocante social, ajudando a sociedade civil a diminuir de forma efetiva suas mazelas sociais e é claro representando um papel a nível de Estado, tapando assim pequenas lacunas porém significativas que este não conseguira ou não se preocupara em eliminar, sua situação atual encontra-se desvirtuada da proposta inicial.

Nos dias atuais, a Irmandade da Boa Morte vive de certo modo afastada da comunidade, não mais pela “(...) própria trajetória de perseguição. (CASTRO, 2008:47), mais sim por questões de configuração de cada época em que há uma atenção maior do Estado e de outros órgãos governamentais como a administração municipal e a própria Bahiatursa ao descobrir um potencial econômico muito grande na tradição e no significado histórico cultural do movimento, o que gera uma dialética ou mesmo um dilema, pois com o fator de turistização fica subjacente uma dúvida que o tempo talvez possa responder com propriedade. Quais os benefícios que o turismo pode acarretar na configuração cultural da Irmandade da Boa Morte,

uma vez que estes apoios em massa de órgãos institucionais visam entre outros aspectos, mercantilizar a Boa Morte?

Quem promovia a festa? ‘Gente humilde, negros e mulatos, livres ou escravos, artífices, jornalheiros e o mais ...’ ‘...trabalhava o pobre o ano inteiro dormindo cedo, passando as horas de ócio em casa ... amealhando os vinténs economizados para a festa da irmandade, confraria ou devoção. (TAVARES, 1961:238)

Assim a Irmandade da Boa Morte, por toda trajetória de resistência durante seus quase dois séculos de história, propicia a mulher baiana uma construção identitária que começara ainda dentro do “ventre” africano, pois entre algumas sociedades africanas, como os reinos fons e nagô-iorubás, no desenrolar do século XIX, as mulheres desempenhavam funções até então categorizadas como secundárias, porém com o desenrolar do processo histórico, conseguiram galgar determinadas posições sociais, que as colocavam no papel de relevante importância no setor administrativo do funcionamento do Estado.

Considerações finais

Apesar da atual situação da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira, frente as já mencionadas intervenções de órgãos institucionais, esta representa um foco de resistência da mulher negra em suas múltiplas pluralidades, seja ela no âmbito religioso, econômico ou social, uma vez que professam em sua maioria a religião católica apostólica romana, não obstante, não abre mão de sua devoção à ancestralidade religiosa de matriz africana, configurando assim não apenas o sincretismo religioso como termo mais usual, mais sim, uma “dupla pertença” (COSTA, 2008:83). em que nos leva a refletir numa ampla negociação de conflitos, deslegitimando a idéia de sobreposição de uma religião a outra.

Enfim a trajetória da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira, propicia à mulher negra baiana uma construção identitária que a categoriza como elemento de grande relevância na luta por direitos de liberdade de expressão e que frente às características da sociedade brasileira já consolidada no que tange sua construção identitária ajuda a por fim nos preconceitos contra a mulher, construído desde os primeiros dias da nação em que “uma mulher já é bastante instruída, quando lê corretamente as suas orações e sabe escrever a receita da goiabada”

(EXPILLY, 1977:269). A mulher baiana a cada dia conquista novos espaços, enlarguem seus horizontes, é clarividente que dentro destas conquistas a trajetória da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira apresenta grandes contribuições no aspecto econômico, social e político para construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Referenciais

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Uma história do negro no Brasil** / Walter Fraga Filho. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília; Fundação Cultural Palmares, 2006.

CASTRO, Armando Alexandre Costa de. **A Irmandade da Boa Morte: memória, intervenção e turistização da Festa em Cachoeira, Bahia**. Ilhéus (BA): 2005.

COSTA, Sebastião Heber Vieira. **Festa da Irmandade da Boa Morte e o ícone Ortodoxo da Dormição de Maria**. Editora Vento Leste, Salvador 2009.

_____. **Imagística de Cachoeira: Ilá Deleci**. Apresentação de José da Silva Mello. Salvador: Faculdade 2 de Julho, 2008.

EXPILLY, Charles. **Mulheres e costumes do Brasil**. Editora Nacional, Brasília, 1977.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.Ed., 13 reimpr.LTC, Rio de Janeiro. 2008.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil: A História do Levante dos Malês em 1835** Edição revista e ampliada. 2ª. edição. Editora Companhia das Letras, São Paulo 2003.

SILVEIRA, Renato da, **O Candomblé da Barroquinha**: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de Keto. Edições Maianga, Salvador 2006.

TAVARES, Odorico. **Bahia**: Imagens da terra e do povo. Editora Civilização brasileira S.A, São Paulo 1961.